

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Estórias de S. Paulo Class.: DTX - Pesquisas

Data: 17/01/77 Pg.: 600

Quem são os selvagens?

Luiz Carlos Lisboa

O etnólogo e missionário austriaco Anton Lukesch, autor de *Mito e Vida dos Índios Caiapós* (Livraria Editora Pioneira e Editora da USP — tradução de Trude A.L. Solstein), relata em sua obra os resultados de longa pesquisa de campo levada a efeito entre as tribos sobreviventes da região do médio Xingu, onde uma forma espontânea de vida primitiva continua a existir. Através do estudo dos mitos indígenas, o autor pretende recompor o universo dos caiapós, qualquer coisa admirável e original para os nossos condicionamentos de civilizados. O livro é indicado também como antídoto para todos aqueles que, em nome de argumentos bastante discutíveis, querem precipitar a aculturação dos índios brasileiros.

Segundo a sabedoria caiapó, tudo o que se move e vive possui alma. As plantas são, para esses índios, símbolo de vida humana. No final da festa *bemb*, os homens da tribo arrastam uma árvore e plantam-na na grande praça circular da aldeia. Ela é o princípio da vida, da mesma vida que pulsa nos homens e nos animais. Segundo uma das principais lendas caiapós, os índios moraram um dia "lá em cima, além do teto do Céu". A descrição é a do Paraíso Terrestre, do mito bíblico: alimento farto, água fresca, animais amigos do homem. Um guerreiro experiente, um dia perseguiu um tatu e cavou profundamente o chão, tendo perfurado a abóbada celeste e descoberto o mundo, lá embaixo. Sentiu, desse mundo que não conhecia, uma nostalgia infinita, e acabou convencendo os demais companheiros do Paraíso a descerem à Terra, por uma corda que os levou a um bosque de buritis. Alguns caiapós não tiveram coragem de descer e moram, ainda hoje, no Céu, enquanto os outros povoaram os campos imensos do continente que tinham a seus pés. Essa é, conforme acreditam, sua origem.

Um outro mito caiapó conta que houve época em que os animais confiavam nos homens, convivendo com eles como se fossem todos da mesma espécie. Quando os homens "começaram a caçar" — a referência parece indicar que um dia a caça tornou-se necessária, talvez num período de nomadismo — o tapir, o gambá e as aves, deixavam-se abater com facilidade, tão confiantes se mostravam junto do índio. Um dos guerreiros, homem velho e sábio, reuniu os bichos e aconselhou-os a se afastarem dos humanos, "deixando de falar com eles". Esse índio, diz a lenda, era movido por pura compaixão. E os animais seguiram seu conselho e desde então dificultam o trabalho do caçador. A lenda termina com a advertência do caiapó nobre: "Corram do homem, corram do homem!"

Em todos os mitos caiapós transparece sua convicção de que no passado os indígenas foram quase divinos, imunes à doença, habitantes de campos ricos e generosos. Eles se chamam a si próprios de *mebemocrés*, enquanto os estranhos, brancos principalmente, são os *cubempunures*. Desses, os índios das aldeias Gorontire costumam repetir, como se fizessem uma profecia: "Mais dia,

menos dia, virão nos atacar, vão incendiar nossas casas e destruir tudo". Sua cosmogonia é inexistente. Para os caiapós não houve criação do mundo, porque o mundo sempre existiu. Falar em começo, para eles, é totalmente absurdo. Assim como o mundo existirá sempre, também não teve princípio. Só o homem e os animais um dia tiveram começo, e assim terão fim.

Após a morte, para os caiapós, os homens "tornam-se sua própria sombra". Narra Anton Lukesch, que ouviu a oração fúnebre de um chefe índio no enterro de uma criança, as lamentações comuns nessas ocasiões. É muito triste alguém ter passado pela vida sem ter caçado, amado, dançado, corrido pela floresta ou mergulhado nos rios, diz a reza pronunciada pelo chefe e repetida pela mãe do pequeno morto. Parece que os caiapós não choram. Depois de tomarem pequenas quantidades de aguardente de mandioca, os índios cantam até de madrugada. Para o etnólogo (também missionário), a convivência com os caiapós revelou as diferenças abissais de duas culturas distantes. Seu relato frio e pormenorizado, avesso a comentários, mostra a dignidade do índio ainda não comprometido num convívio mais profundo com o homem civilizado.

Essa forma espontânea da vida que chamamos "primitiva", em contraste com a nossa, considerada sofisticada, é uma raridade que está para desaparecer do planeta. Antes que ela se extinga, seria preciso compreender o que significa, o que só poderia ser feito com informações obtidas entre as tribos que já começaram a ser "assimiladas", como esses grupos caiapós que Lukesch estudou. Fazer contato com tribos que vivem em estado de total inocência quanto à existência da nossa cultura seria desastroso para elas. Os antropólogos — alguns, pelo menos — conhecem os efeitos destruidores desses contatos, nas culturas primitivas. Já se falou bastante a respeito, agora é tempo de agir. Precisamos, nós os "civilizados", fazer uma auto-crítica das nossas concepções nesse terreno. O ego-centrismo daquelas opiniões, segundo as quais precisamos salvar todo indivíduo que não viva como nós, é simplesmente grotesco.

A respeito do problema indígena brasileiro — que uns querem resolver depressa para integrar logo os índios, e outros desejam converter aos seus credos religiosos respectivos — é preciso que se diga que nada é mais urgente do que uma revisão nos nossos conceitos, muito pouco civilizados, a respeito da superioridade da nossa cultura, dominadora e impositiva, como a única realidade possível. Para sermos coerentes, devíamos repetir, esfregando as mãos como o professor Pangloss, a boa frase criada por Voltaire para caracterizar o otimismo infundado: "Tudo vai bem no melhor dos mundos possíveis..." Do contrário, temos de reconhecer toda nossa pretensão e toda série de absurdos que foram feitos até aqui nessa questão. Aí, caberia a pergunta: "Finalmente, quem são os selvagens?"